



Universidade de Brasília

**FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

LÍVIA MARIA GULGIELMIN DA ROSA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA CONCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Planaltina

Junho, 2016



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

LÍVIA MARIA GULGIELMIN DA ROSA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA CONCEPÇÃO DE
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciada do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Profª. Dra. Juliana Eugênia Caixeta

Planaltina

Junho, 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar força e saúde para chegar até aqui e realizar, com êxito, este trabalho! Obrigada, Deus, por colocar em minha vida pessoas maravilhosas para me auxiliar!

Aos meus pais, Véra e Alcebíades, por todo o amor e pelo incentivo de prosseguir com essa jornada!

Agradeço aos meus padrinhos, Melânia e Nilton, pelo amor, carinho e paciência com que cuidaram de minha filha, Gabrielly, nos momentos em que estive ausente para a realização desta etapa da minha vida.

Ao meu marido, Rafael, pelo apoio, amor e compreensão ao longo deste percurso.

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Juliana Caixeta, por aceitar fazer parte dessa trajetória. Agradeço pela paciência e generosidade com que diversas vezes leu meu trabalho e me permitiu avançar para concluir com sucesso.

Por fim, agradeço a minha amiga, Beatriz, que me apoiou e caminhou ao meu lado neste longo percurso acadêmico. É um prazer dividir este momento de felicidade com você e todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram parte de minha vida acadêmica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
1.1. Sexualidade: um fenômeno biopsicossocial.....	6
1.2. As crianças, os adolescentes, a escola e a sexualidade como tema transversal	7
3 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo Geral	11
2.2. Objetivos Específicos.....	11
4 METODOLOGIA	11
3.1. Participantes	12
3.2. Instrumento de Coleta de Dados	13
3.3. Procedimento de Coleta de Dados	13
3.4. Método de Análise dos Dados.....	13
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1. A responsabilidade da educação sexual para crianças e adolescentes	13
4.2. Percepção dos professores sobre a temática sexualidade	16
4.3. Forma de abordagem da temática sexualidade pelos professores	17
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22
ANEXO 1.....	25
ANEXO 2.....	27

Educação Sexual na Concepção dos Professores do Ensino Fundamental

Lívia Maria Gulielmin

Juliana Eugênia Caixeta

RESUMO

Sexualidade tem a ver com a vivência do prazer e, também, com o posicionamento de si no mundo, por meio da identidade de gênero. No contexto escolar, os professores ainda enfrentam muitas dificuldades para mediar conceitos relacionados à educação sexual, que, para dar conta da sua complexidade, deve ser abordada de maneira transversal, ou seja, em todas as disciplinas. O objetivo desse trabalho foi identificar a percepção dos professores de todas as disciplinas do ensino fundamental sobre a importância de trabalhar a temática sexualidade com crianças e adolescentes. Os dados foram coletados através da aplicação de questionário a cinco professores que lecionam nas séries finais do ensino fundamental de uma escola do Distrito Federal. Os resultados evidenciaram que nem todos os professores do ensino fundamental aborda a temática sexualidade com seus alunos e, os que abordam, mesmo sabendo que a sexualidade se relaciona à personalidade do indivíduo, em sua maioria, ainda priorizam aulas voltadas para doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Palavras-Chave: sexualidade, educação sexual, tema transversal, ensino fundamental.

ABSTRACT

Sexuality has to do with the experience of pleasure and also with positioning itself in the world, by means of gender identity. In the school context, teachers still face many difficulties to mediate concepts related to sex education, that, to account for the complexity, should be approached in a transversal way, that is, in all disciplines. The aim of this study was to identify the perception of teachers of all school subjects on the importance of working the theme sexuality with children and adolescents. Data were collected through a questionnaire to five teachers who teach in the final grades of elementary school of a school in the Federal District. The results showed that not all elementary school teachers approaches the theme sexuality with their students, and those who deal, even though sexuality is related to the individual's personality, mostly still prioritize classes geared for sexually transmitted diseases and pregnancy in adolescence.

keywords: sexuality, sex education, crosscutting theme, elementary school.

Introdução

Sexualidade tem a ver com a vivência do prazer e, também, com o posicionamento de si no mundo, por meio da identidade de gênero. Está presente em todo o processo de desenvolvimento do ser humano. Desde o nascimento, a criança vai desenvolvendo sua sexualidade pelas interações com o meio social onde vive. Neste, ela observa os comportamentos e os interpreta, a sua maneira, considerando o contexto sociocultural (RODRIGUES; WECHSLER, 2014).

Louro (1999) explica que os corpos ganham sentido socialmente. Portanto, a sexualidade é algo que o indivíduo vai construindo por meio das relações estabelecidas com o contexto social onde está inserido. No entanto, apesar da sexualidade estar ligada intrinsecamente ao indivíduo em interação, ainda há certa resistência da família em abordar o tema com seus filhos. Dessa maneira, muitas vezes, a família opta por abster-se da educação sexual dos filhos, seja por falta de preparo, insegurança, por acreditarem que sexualidade é assunto de adulto ou mesmo por medo de que o diálogo leve a práticas sexuais precoce (DIAS; GOMES, 1999).

No entanto, ao contrário, a falta de diálogo, com crianças e adolescentes, acerca da sexualidade pode culminar no desenvolvimento de uma sexualidade imersa em mitos, preconceitos e tabus. Neste contexto, conforme as crianças e adolescentes crescem e a carência de informações adequadas continua, o resultado pode ser tomadas de decisão inadequadas ou demonstração de insegurança na vivência da sexualidade (GANGLIOTO; LEMBECK, 2011). Além disso, a desinformação pode acarretar riscos físicos e sociais, pois o indivíduo poderá estar vulnerável a doenças.

Entendendo a relevância da educação sexual para a formação integral do indivíduo e a capacidade de a instituição escolar interferir nos conhecimentos prévios dos alunos, para que eles avancem amplamente e construam significados corretos, os quais irão ajudá-los a desenvolver uma sexualidade saudável e desfrutá-la prazerosamente, a presente pesquisa visa compreender como a educação sexual vem sendo desenvolvida no espaço escolar pelos professores de todas as disciplinas, visto que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a sexualidade é considerada um tema transversal. Portanto, sua abordagem deve permear as várias disciplinas do currículo (BRASIL, 1998).

1. Fundamentação teórica

1.1. Sexualidade: um fenômeno biopsicosocial

A sexualidade é inerente ao ser humano (FIGUEIRÓ, 2009) e seu desenvolvimento depende de aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Autores como: Comar e Santos (2010), Lopes (2014) e Jardim e Brêtas (2006) defendem que a sexualidade não se restringe apenas à anatomia humana. Ela está ligada intrinsecamente ao indivíduo, definindo sua identidade e compondo sua personalidade (TRINDADE; ARAUJO; ARAUJO, 2011). Desta maneira, apesar da importância do biológico, não podemos restringir a sexualidade apenas a esse fator, pois, quando limitamos a sexualidade apenas a este caráter, refutamos a cultura e o meio social do indivíduo, negando sua identidade e sua história de vida. É preciso compreender a sexualidade para além do corpo. Para Figueiró (2009):

A sexualidade é elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual. O sexo, por sua vez, diz respeito ao ato sexual em si (p. 189-208).

Dada a complexidade do fenômeno, as interações socioculturais permitem a construção de diferentes concepções de sexualidade (MEIRA; SANTANA, 2014). Exemplos da influência sociocultural, na sexualidade do ser humano, podem ser encontrados na pesquisa de Ressel e Gualda (2003), realizada com um grupo de mulheres de uma comunidade rural. As referidas autoras, por meio de entrevista, dialogaram com as mulheres sobre assuntos pertinentes à sexualidade e puderam constatar muitos mitos, tabus e valores associados à sexualidade das entrevistadas, todas associaram a virgindade como significado de honra e pureza. Algumas relacionaram a masturbação à obscenidade e o sexo dentro do casamento como uma obrigação da mulher e uma necessidade para o homem. Outro ponto que se destaca na pesquisa é a intolerância à homossexualidade tida como anormal pelas entrevistadas. Desta maneira, entendemos que a sexualidade, desenvolvida a partir de concepções errôneas, pode acarretar em preconceito e intolerâncias, além de intervir negativamente no modo como cada um vive sua sexualidade. Como colocam Meyer, Klein e Andrade (2007):

Cada cultura estabelece em diferentes tempos, quais são as formas aceitáveis e permitidas de se obter prazer sexual, a quem esse prazer está facultado e o que ou quem pode ser colocado como foco de nossos desejos erótico e afetivos “normais” (p.8-21).

Tendo em vista o que foi exposto, compreendemos que cada pessoa carrega consigo diferentes concepções de sexualidade, pois o meio cultural e social interferem constantemente na construção dos saberes. No entanto, a cultura precisa ser problematizada para permitir avanços, principalmente, quando traz em seu tecido de conhecimento fundamentos para a prática do preconceito e da exclusão. Neste contexto, a escola se destaca por ser espaço privilegiado de mediação de conceitos sistematicamente organizados pela humanidade, por meio de métodos científicos.

1.2. As crianças, os adolescentes, a escola e a sexualidade como tema transversal

Por fazer parte do ser humano, a sexualidade desperta interesse, principalmente, de crianças e adolescentes. Na infância, as questões sexuais, em geral, estão voltadas ao conhecimento do próprio corpo e ao corpo do outro, as relações afetivas adultas e gravidez. De acordo com Maia, Pastana, Pereira e Spaziani (2011), as crianças buscam através da masturbação conhecer seu corpo e, por meio do lúdico, manifestam sua curiosidade, dando significado as suas concepções de sexualidade por meio das representações dos comportamentos observados. No entanto, inferimos que, quando são constantemente reprimidos em seus gestos e questionamentos, as crianças podem entender a sexualidade negativamente, a qual deve ser cuidadosamente mantida em segredo.

Por outro lado, quando chegam à puberdade, os anseios são ainda maiores. As dúvidas estão relacionadas principalmente ao corpo, que está passando por intensas transformações, à gravidez, masturbação e ao ato sexual propriamente dito. Entretanto, mesmo com tantas curiosidades pertinentes, a família e a escola apresentam dificuldades para responder, ou melhor, dialogar com seus filhos e alunos sobre esta temática. Para Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), a família se sente insegura e, muitas vezes, constrangida em dialogar sobre o tema. Os autores afirmam, ainda, que este bloqueio é reflexo de uma sexualidade imersa em mitos e tabus, aos quais foram submetidos e que é compartilhada de geração para geração, associando a sexualidade ao pecado e induzindo as famílias a acreditarem que os filhos são seres assexuados. Esta dificuldade, muitas vezes, manifestada sob a forma de omissão de informação ou diálogo, traz consequências importantes, pois a falta de informação pode levar o indivíduo a desenvolver sua sexualidade baseada em conceitos equivocados, conduzindo-o à vivência de uma sexualidade imprudente, que traz consequências não apenas para si mesmo, mas que afeta também a sociedade, como o

contágio de Doenças Sexualmente Transmissíveis, discriminação, preconceito, gravidez indesejada, insegurança entre outros (SOUZA; SANTOS, 2012).

Mesmo com as conseqüências, as questões levantadas por crianças e adolescentes continuam a ser vedadas. As dúvidas e questionamentos se acumulam ao longo do tempo, pois, poucos se propõem a esclarecer tais questionamentos e, quando respondem, podem não atingir toda a complexidade de debate desejado pelas crianças e adolescentes. As respostas incompletas, por sua vez, não saciam o desejo de saber mais sobre a sexualidade e descobrir cada segredo escondido por trás do receio dos adultos, que parecem nunca querer tocar neste assunto.

Na escola, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998), a educação sexual deve ser abordada como um tema transversal. Isto implica afirmar que a sexualidade, contemplando aspectos biopsicossociais, deve ser abordada pelas várias disciplinas do currículo, proporcionando um melhor entendimento sobre o assunto, pois se acredita que diferentes conteúdos contemplariam a sexualidade em seus múltiplos contextos. Para Dinis e Asinelli-Luz (2007), a inserção da educação sexual como um tema transversal nos PCNs pode ser considerada como um avanço, pois, até então, era direcionada a responsabilidade de trabalhar o assunto apenas aos professores de biologia, os quais abordavam o tema de maneira incompleta, limitando-se apenas às características biológicas da sexualidade.

A inserção da sexualidade como tema transversal, no entanto, não mudou a realidade de professores de biologia e ciências serem vistos, em sua maioria, como os únicos responsáveis em ministrar aulas de educação sexual. Segundo Altman (2007), há uma aproximação da educação sexual nos conteúdos de ciências, principalmente no que se refere aos temas relacionados à reprodução, os quais são sempre encontrados nos livros didáticos de ciências. Desta maneira, a educação sexual, na instituição escolar, acaba ocorrendo nessas aulas.

A priorização, dada pela escola, de se discutir sexualidade pelos professores de ciências foi constatada por Altman (2007), inclusive, em seu processo de coleta de dados. Quando ela informava o tema de sua pesquisa aos diretores/as das escolas, eles/as a direcionavam imediatamente aos professores/as de ciências. De acordo com o relato da autora, é possível verificar que muitas escolas já entraram em um consenso sobre quem é o responsável em ministrar aulas de educação sexual.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1998), a educação sexual se destaca nas aulas de ciências, no entanto, estas não são suficientes para atingir o significado tão complexo dessa temática. Há a necessidade de planejar programas com as demais áreas de ensino para abranger o sentido amplo da sexualidade, a qual envolve um processo histórico-cultural e compreende diferentes significados durante todo o processo histórico.

Gulielmin (2015), ao realizar um minicurso sobre sexualidade com alunos do nono ano do ensino fundamental, pôde verificar que os alunos possuíam poucas informações sobre sexualidade, demonstrando que não tiveram muitos momentos reflexivos sobre o tema, expondo dúvidas das mais simples às mais complexas, como, por exemplo:

- “Pode ocorrer gravidez apenas pelo beijo?”
- “Meninos que se masturbam com frequência desenvolvem seios, ou pêlos na palma das mãos?”
- “Por que algumas mulheres não conseguem engravidar?”
- “Porque ocorre ereção do nada? Você tá lá na aula de ciências e de repente o pênis fica duro.” (p. 6-17).

É possível verificar, através desses questionamentos, muitos mitos que permeiam a sexualidade dos adolescentes, por exemplo, quando foi verificado pela pesquisadora que a maioria dos meninos questionava sobre a relação a possíveis patologias provocadas pela masturbação.

De acordo com Cano, Ferriani e Gomes (2000), os mitos que envolvem a sexualidade são produtos de um processo histórico-cultural que repudiam qualquer ato de erotismo e defendem o sexo apenas no casamento e com finalidade exclusiva para a reprodução. Percebemos que esta concepção não foi rompida e ainda hoje é compartilhada, mesmo causando o sentimento de medo dos adolescentes em conhecer o próprio corpo e aceitar a sexualidade com naturalidade.

Por este assunto ter sido velado, ao longo dos tempos, resultando em concepções da sexualidade relacionados à obscenidade, a algo sujo, pecaminoso e proibido, negou-se aos jovens a educação sexual, dificultando as orientações necessárias à promoção da saúde sexual das pessoas. Os mitos sexuais são concepções errôneas ou inadequadas, que gera rumores e crendices populares. Os tabus sexuais sobre homossexualidade, masturbação e etc., são decorrentes de concepções que geram discriminação na sociedade (MOIZÉS; BUENO, 2010, p.2-8).

Outro ponto percebido na pesquisa de Gulielmin (2015) se refere à falta de compreensão que os alunos têm acerca da sexualidade para além do corpo. Eles estão fortemente ligados ao conceito biológico, o qual não permite levar em conta todo o contexto que permeia a sexualidade, a qual é regada de sentimentos e desejos e compõe a identidade do

indivíduo, pois nela estão os valores compartilhados pela família, por suas interações sociais, e pelo processo histórico cultural, construído de geração para geração. Quando é dado um enfoque totalmente biológico à sexualidade, ignora-se todo o contexto que a envolve, limitando a sexualidade a um processo único. Isso pode levar os alunos a acreditarem que todos vivenciam a sexualidade da mesma maneira, a qual seria motivada apenas pelos fatores biológicos (TONATTO; SAPIRO, 2002), o que, conseqüentemente, reforça a intolerância à diversidade.

As perguntas expostas pelos adolescentes, durante o minicurso, demonstram a falta de diálogo sobre o assunto e a necessidade de discuti-las com pessoas dispostas a esclarecer suas dúvidas e que levem em consideração suas experiências vividas. Gagliotto e Lembeck (2011) explicam que a educação sexual deve ser pautada no contexto onde os alunos estão inseridos, para que, a partir das questões levantadas pelos alunos, o professor possa mediar discussões acerca do tema, que, segundo os autores, tem como função levar os alunos a refletir de forma crítica. Quando os questionamentos não são saciados, as crianças e adolescentes buscam no colega as respostas; por compartilharem a mesma idade, estes parecem ser as pessoas ideais para conversar sobre esse assunto, porém, muitas vezes, as dúvidas se generalizam e o colega não consegue ajudar a resolver algumas questões ou acaba compartilhando concepções errôneas.

Se por um lado, os alunos apontam a necessidade do diálogo, por outro, os professores tem a consciência da carência de diálogo acerca da sexualidade (TONATTO; SAPIRO, 2002). Lopes (2014) verificou que os professores justificam a importância de trabalhar a educação sexual na escola na manifestação do desejo dos adolescentes em saber mais sobre o tema. No entanto, o referido autor também identificou que, muitas vezes, a dificuldade de mediar o tema está na diversidade de alunos em sala de aula. Assim, o constrangimento dos alunos muitas vezes dificulta o diálogo, pois eles preferem se manter calados a manifestar suas dúvidas. Também foi apontado constrangimento por parte dos professores em relação a algumas perguntas dos alunos, as quais um dos professores entrevistados associou a dúvidas voltadas a relações sexuais, que para o mesmo são perguntas mais pesadas, mas que devem ser respondidas.

Apesar da dificuldade em lidar com o tema em sala de aula, é necessário que o assunto ganhe mais espaço para que os alunos passem a ter confiança no professor e possam expor seus anseios frente à sexualidade. Gagliotto e Lembeck (2011) explicam que os professores precisam superar seus próprios conceitos de sexualidade, os quais muitas vezes

também estão carregados de preconceitos. Para educar sexualmente, é preciso que o professor não exponha sua opinião, mas permita que os alunos reflitam sobre suas dúvidas e tirem suas próprias conclusões.

Assim, cabe à escola discutir a sexualidade como um fenômeno ligado à essência humana, portanto, uma dimensão que favorece a vivência da saúde. Para isso, quanto mais livres dos mitos que a cercam, maiores possibilidades de a pessoa tomar decisões favoráveis a si e aos outros com quem se relaciona.

De acordo com o exposto, a relevância dessa pesquisa está em verificar se os professores das várias disciplinas do ensino fundamental trabalham o tema e de que maneira o assunto é abordado. Qual a relevância da educação sexual? O que deve ser levado em consideração ao ministrar aulas de educação sexual? A quem se atribui a responsabilidade de trabalhar este tema com crianças e adolescentes.

2. Objetivos

2.1. Geral

- Identificar a percepção dos professores de todas as disciplinas do ensino fundamental sobre a importância de trabalhar a educação sexual com crianças e adolescentes.

2.2. Objetivos específicos

- Verificar se todos os professores trabalham o tema.
- Compreender como a sexualidade é abordada pelos professores de todas as disciplinas e a quem eles atribuem a responsabilidade de ensinar sobre educação sexual a crianças e adolescentes.

3. Metodologia

Para atender os objetivos propostos nessa pesquisa, será utilizada a metodologia qualitativa, a fim de investigar os significados construídos pelos professores sobre a importância da educação sexual para crianças e adolescentes, além de verificar se os professores abordam o tema e compreender como trabalham a sexualidade com seus alunos. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa permite ao investigador contemplar amplamente seu objeto de estudo, uma vez que os participantes da pesquisa descrevem suas

percepções sobre o fenômeno estudado. Desta maneira, utilizar a metodologia qualitativa possibilita ser guiado por diferentes caminhos para a compreensão dos questionamentos levantados.

A importância da presente pesquisa não está em levantar dados estatísticos, mas em compreender os diferentes pensamentos que levam os professores a trabalhar ou não a educação sexual e como este tema vem sendo abordado em sala de aula, para que, a partir dos resultados, possamos propor possíveis melhoras ou soluções para que a educação sexual contemple os alunos significativamente por meio de diálogos que esclareçam as dúvidas e possibilitem uma reflexão que os levem a tirar suas próprias conclusões, e que não seja um conteúdo meramente informativo, assim entendemos que a melhor metodologia para alcançar tais objetivos é a qualitativa.

Método

3.1. Participantes

A presente pesquisa foi realizada em uma escola rural do Distrito Federal com cinco professores de diferentes disciplinas do ensino fundamental.

- Professora Maria: Graduação em Biologia, Pós Graduação em Biologia, coordenadora pedagógica. Ministrava aulas de ciências e biologia para as séries finais do ensino fundamental.
- Professora Ana: Graduação em Matemática, Pós Graduação em Matemática para o Ensino Médio, ministra aulas de matemática para 6ºano, 7ºano e 8ºano e aulas de ciências para o 6ºano.
- Professor João: Bacharel em Educação Física, ministra aulas de educação física para séries finais do Ensino Fundamental.
- Professor Pedro: Graduação em Biologia e Matemática, Pós Graduação em matemática, ministra aulas de ciências, para séries finais do ensino fundamental.
- Professora Luis: Graduação em Educação Artística, Pós Graduação em Educação para a Diversidade e Cidadania, ministra aulas de artes e ensino religioso para as séries finais do ensino fundamental.

3.2. Instrumento de Coleta de Dados

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado questionário semi-aberto (Anexo 1), o qual foi entregue juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2).

3.3. Procedimento de Coleta de Dados

Em um primeiro momento, foi realizado contato com uma escola que atende as séries finais do ensino fundamental. Após ter a permissão da escola para a realização da pesquisa, foi realizada uma conversa informal com os professores que teve como objetivo apresentar a pesquisa. Posteriormente, foi entregue aos professores, que aceitaram participar da pesquisa, o questionário, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para a análise dos dados obtidos, só foram aceitos os questionários que tinham o termo assinado.

3.4. Método de Análise dos Dados

Todos os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo em que as respostas recorrentes formam categorias de análise (BARDIN, 1977).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados e discutidos por meio de três categorias criadas, a saber:

- A responsabilidade da educação sexual para crianças e adolescentes;
- Percepção dos professores sobre a temática sexualidade;
- Forma de abordagem da temática sexualidade pelos professores.

É importante lembrar que todos os nomes citados são fictícios, preservando o sigilo dos participantes da presente pesquisa.

4.1. A responsabilidade da educação sexual para crianças e adolescentes

Quando questionados sobre a quem atribuem a responsabilidade de trabalhar a sexualidade com crianças e adolescentes, os professores direcionaram esta responsabilidade primeiramente à família, colocando a escola em uma segunda função, como complementar a esta educação.

Ana: *“Família e escola. A escola tem o seu papel, mas a família quem deve mostrar os seus princípios e comportamentos”*.

João: *“Principalmente a família, para logo em seguida incluir a escola na educação sexual”*.

Pedro: *“A princípio, a responsabilidade é da família, (dos pais), e para completar o conhecimento científico, vem o compromisso da escola, que usando diversos recursos didáticos detalha os sistemas reprodutores masculino e feminino”*.

Maria: *“Em primeiro lugar, a família tem o dever de orientar e a escola precisa ajudar neste trabalho de orientação”*.

Luis: *“1ºLugar a família com seus valores; 2ºLugar a escola”*.

Para Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), a família é a principal responsável pela educação sexual dos jovens, devendo iniciar esta educação, e a escola seria, apenas, complementar, de maneira a suprir as dificuldades da família em torno da temática. Os PCN's (BRASIL, 1998) também colocam a ação da escola como complementar a da família, pois, de acordo com o documento, a instituição familiar é quem compartilhará, com os filhos, suas crenças e valores cabendo a escola apenas a discussão da temática para desconstruir os mitos e tabus associados a sexualidade.

Reconhecemos a responsabilidade da família na educação sexual de crianças e adolescentes e entendemos que é a instituição familiar que irá proporcionar as primeiras noções de sexualidade, seja de forma direta, por meio do diálogo, ou indiretamente, por meio de comportamentos. Porém, quando colocamos a escola como apenas complementar, na educação sexual de crianças e adolescentes, deixamos de lado o fato de que nem sempre as famílias conseguem desempenhar seu papel na educação sexual dos filhos. Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) colocam que o tabu que envolve a sexualidade, muitas vezes, dificulta o diálogo de pais e filhos em torno da sexualidade.

Compreendemos que, muitas vezes, os obstáculos que devem ser enfrentados para dialogar sobre sexualidade acabam direcionando a omissão das famílias. Dado o exposto, a escola, muitas vezes, acaba sendo a única responsável em proporcionar momentos de reflexão em torno da temática, e, por este motivo, não pode ser vista como complementar, mas como uma segunda instituição na qual a educação sexual de crianças e adolescentes devem ser

propiciadas, não de forma complementar, mas de maneira a suprir os anseios de crianças e adolescentes em torno da temática.

Na escola, de acordo com os PCN's (1998), a educação sexual deve ocorrer de forma transversal, de maneira que a temática deve ser discutida por todas as disciplinas curriculares. Quanto a essa responsabilidade de todas as disciplinas em compartilhar a educação sexual, os professores não argumentaram, mas reconhecem a importância da educação sexual para crianças e adolescentes, como pode ser percebido a seguir:

Ana: *“Concordo, é um assunto de muita importância”.*

Pedro: *“Claro que concordo, o conhecimento do corpo nessa fase da adolescência é muito importante para a compreensão das mudanças fisiológicas e hormonais”.*

Maria: *“A escola tem o papel de informar o aluno e tirar suas dúvidas porque o estudante precisa conhecer e entender o que acontece com seu corpo. E preciso levar em conta que é na escola que acontece as principais mudanças efetivas entre crianças e jovens”.*

As respostas dos professores chamam a atenção por terem foco nas mudanças do corpo humano e não propriamente nas questões relacionadas à sexualidade, como o desejo, as configurações identitárias de gênero, entre outras temáticas. O foco é biológico e não biopsicossocial.

Um dos professores não diz ser contra ou a favor da transversalidade, em sua resposta podemos compreender que o mesmo considera os PCN's insuficientes para a educação sexual de crianças e adolescentes, como pode ser notado a seguir:

João: *“A abordagem dos PCN é..., de forma geral, o mesmo não consegue trazer para a realidade o que se vive nos dias de hoje, no cotidiano e realidade dos diversos estudantes e suas peculiaridades dentro do ambiente escolar”*

Apenas um professor deixou a entender que não concorda com a transversalidade.

Luis: *“O tema deve ser abordado preferencialmente nas aulas de ciências, encontrando espaço no momento em que a possibilidade, como nos casos de inclusão e integração com as minorias”.*

Inferimos que, quando Luis coloca a sexualidade a ser trabalhada em casos de inclusão e integração com as minorias, que o mesmo possa estar se referindo à diversidade de gênero e a possíveis práticas preconceituosas. Luis também fala que o tema deve ser abordado quando surge espaço para a discussão do tema, entendemos que não é apenas nas aulas de ciências que surgem oportunidades para trabalhar com a temática sexualidade.

Diante das respostas, nota-se uma falta de posicionamento dos professores sobre a compreensão de que a educação sexual é uma responsabilidade que deve ser compartilhada por todos. Este fato também é reforçado na resposta de um dos professores, quando o mesmo relata que a sexualidade deve ser trabalhada preferencialmente nas aulas de ciências.

4.2. Percepção dos professores sobre a temática sexualidade

Sobre como definem sexualidade, três professores responderam a pergunta, definindo sexualidade como um conceito voltado para a personalidade do indivíduo. Para tanto, usaram palavras como: expressão, comportamento e relacionar-se. Os professores definiram sexualidade como um fenômeno social. Quando colocamos a sexualidade ligada à personalidade do indivíduo, deixamos de atender apenas ao caráter biológico e a elevamos a um contexto mais amplo (TRINDADE; ARAUJO; ARAUJO, 2011).

Ana *“Sexualidade humana representa um conjunto de comportamento do indivíduo”*.

Luis *“É a forma como o indivíduo se relaciona com seu gênero e com o mundo”*.

Maria *“Sexualidade é toda forma de expressão do corpo. Não está relacionada somente ao sexo, mas sim pela busca de prazeres, através de um contato, um abraço, um carinho, etc”*.

Interessante notar, por exemplo, as respostas da Maria para os temas definição de sexualidade e interdisciplinaridade. Aqui, ela amplia sua visão de sexualidade, envolvendo o prazer a relação entre pessoas; enquanto, no tema interdisciplinaridade, ela focou, apenas, o corpo. Esta dicotomia parece demonstrar a complexidade do tema e como a proposta de uma pesquisa sobre a percepção se apresenta como uma tarefa de solução de problemas que pode permitir a complexificação da compreensão do conceito no próprio ato de construção de dados (DEMO 1996).

Três professores responderam sobre a relevância da educação sexual.

A importância da educação sexual para crianças e adolescentes desenvolveu-se em torno da concepção da educação preventiva e informativa.

Luis: *“Fundamental para a prevenção de DST/gravidez”*.

Pedro: *“Conhecer o sistema reprodutor significa se prevenir de, por exemplo, de uma gravidez indesejada, de uma série de DSTs”*.

João: *“É fundamental para evitar gestações precoces, doenças etc”*.

Nota-se que Luis traz uma visão de sexualidade voltada para a maneira como as pessoas se relacionam com seu gênero e com o mundo; no entanto, quando fala sobre a relevância da educação sexual para crianças e adolescentes, traz uma visão preventista. Ainda há um forte conceito de que a educação sexual deve ser voltada para a prevenção, não levando em consideração seus demais aspectos, como os sentimentos, a busca pelo prazer. É preciso compreender que as pessoas possuem diferentes contextos de vida e é, também, o processo histórico-cultural que irá influenciar como cada um vive sua sexualidade. Desta maneira, quando dizemos que a relevância da educação sexual está apenas na prevenção de doenças ou gravidez, é como se assumíssemos a sexualidade voltada apenas para o sexo.

Para Jardim e Brêtas (2006), a educação sexual, apesar de ter suas raízes voltadas para uma educação informativa como meio de prevenção, não tem sido suficiente, pois a realidade nos mostra que dar enfoque apenas à informação não tem sido eficaz, uma vez que os casos de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis ainda vêm ocorrendo entre os adolescentes. Quando abordamos a sexualidade como um fenômeno biopsicosocial, atendemos não só as questões biológicas, que também tem sua importância, mas possibilitamos às crianças e adolescentes refletirem que vivemos em meio à diversidade e que não há apenas uma maneira de viver a sexualidade, a qual pode ser experimentada e vivenciada de diferentes maneiras.

4.3. Forma de abordagem da temática sexualidade pelos professores

Quanto aos temas relevantes, dois professores enfocaram que a educação sexual deve se centrar em conceitos biológicos; enquanto dois ampliaram os temas, enunciando ser importante debater com os alunos temas como: o respeito e as ansiedades dos alunos com relação a sexualidade

João: *“Conhecimento do corpo, seu funcionamento fisiológico, e suas reações que mudam de acordo com o amadurecimento”*.

Pedro: *“Abordar o tema com a responsabilidade de esclarecer as dúvidas sobre reprodução, prevenção de DST’s e gravidez”*.

Maria: *“A necessidade do aluno. Descobrir o que realmente a turma (alunos) anseia. Mas é fundamental, os conceitos, a anatomia, diferenças, etc”*.

Ana: *“Principalmente as diferenças e o respeito entre todos”*.

Para Louro (1999), é no contexto da cultura e da história que as identidades sociais são construídas. Desta forma, quando focamos a sexualidade, apenas na perspectiva biológica, negamos todo o seu processo histórico cultural.

Já com relação ao tempo disponibilizado pelos professores para as aulas de sexualidade, apenas um dos professores disse não propiciar momentos para a discussão da temática, os demais se dividiram em dois temas: dois trabalham a educação sexual por meio de assuntos específicos de sexualidade e dois abordam a sexualidade sempre que o tema surge em sala de aula.

Luis: *“não”*.

João: *“Sim. Principalmente sobre ser pai ou mãe precocemente”*.

Ana: *“Abordo quando surge alguma brincadeira ou questionamento”*.

Maria: *“Sim. De forma natural quando surge a oportunidade e na forma de oficinas”*.

Figueiró (2009), em sua experiência em formação de educadores sexuais, aponta para duas maneiras de efetivar a transversalidade da educação sexual na escola: a primeira está voltada para o diálogo onde os professores escolhem, planejam e dividem o conteúdo a ser abordado entre as series; já, na segunda maneira, não há planejamento. Os professores trabalham a temática quando surge alguma oportunidade para trabalhar a educação sexual, como um fato ou alguma situação espontânea. Seguindo a perspectiva da autora, verificamos que é com relação a essa segunda possibilidade que a transversalidade vem ocorrendo de acordo com os resultados expostos.

Apenas o professor de ciências disse trabalhar a temática em série específica.

Pedro: *“Esse tema faz parte do conteúdo abordado no 8º ano (corpo humano) além de estudar o mecanismo da reprodução humana, tratamos de esclarecimento sobre as conseqüências de uma gravidez precoce e de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS”.*

A sexualidade faz parte de todo o desenvolvimento do ser humano, sendo assim, não podemos atribuir idade ou série adequadas para se trabalhar a educação sexual. Ela deve ser um processo contínuo, pois, quanto mais for adiada a discussão da temática, maiores serão as dúvidas e mais arraigados serão os conceitos errôneos.

Os professores não demonstraram ter dificuldade com a temática e alguns chamaram a atenção para alguns cuidados ao abordar a educação sexual.

Maria: *“Bem. Porque me sinto com o dever cumprido. É bom esclarecer as dúvidas que os adolescentes sentem. Acho até que cria uma relação de confiança dos alunos com o professor”.*

João: *“Abordo de forma direta, porém com palavreado adequado para o assunto e principalmente em uma linguagem que eles entendam obs: O uso de gírias “na minha opinião ajuda”*

Ana: *“Sem problemas, mas com muita cautela. Trabalho com os alunos exige muito cuidado, cada aluno pertence a uma realidade familiar onde de uma maneira ou de outra são tratados de maneira diferente este tema”.*

Pedro: *“A vontade de ensinar o tema carece de estar bem preparado cientificamente, pois os alunos são, nesta fase da adolescência, curiosos ao extremo, pois estão descobrindo novas mudanças orgânicas, sentimentais e emocionais”.*

É importante notar que apesar de os professores voltarem sua atenção apenas para os fatores biológicos, a maioria sente que cumpre seu dever com relação à educação sexual.

Para atender a sexualidade integralmente, por meio de uma concepção biopsicosocial, entendemos a necessidade de os docentes estarem preparados para trabalhar a temática, pois, muitas vezes, não tiveram a oportunidade de discutir a sexualidade em seu curso de formação, ou mesmo participar de cursos sobre mediação em educação sexual e, com

isso, trazem para sala de aula apenas as informações adquiridas em seu contexto de vida. A falta de preparo é refletida nas respostas dos professores, quando apenas uma professora relatou ter feito cursos sobre mediação em educação sexual.

Maria: *“Sim. Achei muito bom! Dá subsidio para o trabalho em sala”*.

De acordo com Lopes (2014), uma das maneiras de proporcionar educadores melhores preparados para atuarem na educação sexual de crianças e adolescentes seria inovar em estratégias mediacionais nos próprios cursos de formação, para que os professores ampliassem seus conhecimentos sobre sexualidade de maneira a possibilitar a construção da concepção de sexualidade voltada para a diversidade e seus diferentes fenômenos.

Compreendemos, também, que parcerias com universidade também seria de grande apoio para os professores, permitindo que estes refletissem sobre o conceito da temática sexualidade e a importância de atender todos os seus aspectos, pois a sexualidade, para além dos aspectos biológicos, é construída culturalmente e por meio das interações sociais dos indivíduos, a sexualidade faz parte da identidade de cada pessoa. Ela engloba os valores compartilhados pela família e reflete o modo como os indivíduos se relacionam. Portanto, ensinar sexualidade de maneira ampla é discutir não apenas doenças associadas ao sexo ou sobre gravidez indesejada, mas dialogar também sobre o respeito, discutir sobre o preconceito e proporcionar a reflexão de que cada ser humano possui um contexto de vida e que a sexualidade pode ser vivenciada de diferentes formas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a maioria dos professores compreende que a educação sexual deve estar voltada para uma educação preventiva, visando informar o aluno sobre doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. Não desconsideramos estes assuntos, que devem, sim, ser tratados nas aulas sobre sexualidade. No entanto, compreendemos que uma educação sexual meramente biológica não é suficiente para englobar o significado de sexualidade.

Dado os resultados, é fácil perceber que uma educação sexual que prioriza apenas o biológico, deixando de atender questões como o respeito e os valores, não é suficiente para a promoção integral do indivíduo. É preciso atender a sexualidade voltada para o biopsicossocial, para formarmos cidadãos íntegros e críticos, capazes de refletir sobre as

informações as quais são expostos diariamente e compreender o que realmente essas informações estão compartilhando de ideologia.

Para tanto, os professores, assim como a família, precisam de apoio para construir uma visão ampla da sexualidade, e vemos as universidades como uma forte aliada para que esta reflexão ocorra, por exemplo, por meio da oferta de cursos ou mesmo reuniões que possibilitem o diálogo e a construção de como a educação sexual deve ocorrer para atender os indivíduos integralmente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, H. Sobre a educação sexual como um problema escolar. **Linha**, v. 7, n. 1, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.
- CANO, M.A.T.; FERRIANI, C. G. M.; Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril, 2000.
- COMAR, R. S.; SANTOS, S.F. Sexualidade: desafios para a formação do educador da educação infantil. II Simpósio Nacional de Educação. XXI Semana de pedagogia. Infância, Sociedade e Educação. Cascavel-PR, outubro 2010.
- DIAS, G. C. A.; GOMES, B. W. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, 4(1), 79-106, 1999.
- DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007.
- FERREIRA, P. A.; MELO, M. M. S.; ROSA, B. S. Refletindo Sobre a Sexualidade na Educação Infantil. **Linhas**, V. 4, n. 1, 2007.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando. Educação sexual: em busca de mudanças, p. 187. Universidade Estadual de Londrina. Londrina- 2009.
- FONSECA, H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. **Rer. Adolescência e saúde**, v. 1, n. 3, p. 6-11, 2004.
- FRISON, B. M. L. **Percorrendo os caminhos na construção da sexualidade adolescente: significados do mundo vivido**. Anais. III Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Porto Alegre- 29 de novembro a 1º de dezembro de 2000.
- GAGLIOTTO, M. G.; LEMBECK, T. Sexualidade e Adolescência: A educação sexual numa perspectiva emancipatória. *Educere et Educare – Revista de Educação*, v. 6, n. 11, 2011.
- GODOY, S. A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

GONÇALVE, C. R.; FALEIRO, H. J.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, v. 5, p.251-253, 2013.

GULGIELMIN, M. L. Relatório de estágio. Trabalho não publicado. Disciplina de Estágio Supervisionado 3. Licenciatura em Ciências Naturais. Faculdade UnB Planaltina. Universidade de Brasília, Planaltina, 2015.

JARDIM, P. D.; BRÊTAS, S. R. J. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Rev Bras Enferm* 59, 2, p.157-62, 2006.

LOPES, B. R. Dificuldades e facilidades do ensino de sexualidade: o que pensam os professores de Ciências Naturais. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Naturais. Faculdade UnB de Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, 2014.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-34, 1999.

MAIA, A. C. B.; PASTANA, M.; PEREIRA, P. C.; SPAZIANI, R. B. Projeto de intervenção em educação sexual com educadoras e alunos de uma pré-escola. *Rev. Ciênc. Ext.* v.7, n.2, p.116, 2011.

MEIRA, D. R.; SANTANA, T. L. Sexualidade na perspectiva histórico-cultural: primeiras aproximações. *Trilhas Pedagógicas*, v. 4, n. 4, Ago. 2014, p. 160-181.

MEYER, E. E. D.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educação em revista*. Belo Horizonte. N.46. p. 219-239. Dez. 2007.

MOIZÉS, S. J.; BUENO, V. M. S. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Rev Esc Enferm USP*, v. 44, n. 1, p. 205-12, 2010.

RESSEL, B. L.; GUALDA, R. M. D. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. *Rev Esc Enferm USP*, 37(3):82-7, 2003.

RODRIGUES, P. C.; WECHSLER, M. A. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 1 (1): 89-104, 2014.

SOUZA, E.; SANTOS, C. Educação sexual na escola: desconstruindo mitos e preconceitos acerca da sexualidade, gênero e diversidade sexual. VI Colóquio Internacional. Educação e Contemporaneidade, São Cristovão-SE, 2012.

TONATTO, S; SAPIRO, M, C. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia& Sociedade**, **14**, 2, p. 163-175,2002.

TRINDADE, B. P. R. C.; ARAÚJO, M. K.; ARAÚJO, M. D. K. Sexualidade na escola: um diálogo necessário. III seminário nacional Gênero e Prática Culturais Olhares diversos sobre as diferenças. Outubro, 2011. João Pessoa – PB.

ANEXOS

Anexo 1: Questionário

Questionário

Prezado (a) professor (a),

Sou aluna da Faculdade UnB de Planaltina e estou realizando uma pesquisa sobre a educação sexual no ensino fundamental. Este questionário tem como objetivo identificar sua percepção sobre a educação sexual no contexto escolar como contribuição para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Sua participação é muito importante porque poderá proporcionar um entendimento de como vem ocorrendo a educação sexual no espaço escolar e com isso será possível trazer possíveis melhoras. A seguir, algumas orientações:

- ✓ Sinta-se à vontade para responder o questionário, seja o mais sincero possível.
- ✓ Sua participação na pesquisa é voluntária, no entanto, sua participação é relevante.
- ✓ Considerando a importância do sigilo, você não deve registrar seu nome no questionário.
- ✓ Leia atentamente as perguntas.

Desde já, agradeço sua participação!

Lívia Maria Gulgielmin

1. A educação sexual está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tema transversal, assim deve ser abordada por todas as disciplinas, você concorda com os PCN? Justifique sua resposta.

2. Em sua opinião, o que significa sexualidade e qual a importância da educação sexual para crianças e adolescentes?

3. A quem você atribui à responsabilidade de trabalhar a educação sexual com crianças e adolescentes? Justifique.

4. Você disponibiliza algum tempo de suas aulas para falar sobre sexualidade com seus alunos? Se sim, de que maneira aborda o tema?

5. O que considera relevante na hora de trabalhar sexualidade com seus alunos? Por quê?

6. Como você se sente quando aborda o tema sexualidade com seus alunos? Por quê acha que se sente assim?

Agora algumas perguntas sobre você:

A.Sexo: Masculino () Feminino ()

B. Idade

C. Graduação em?

D.Pós Graduação?

E.Já fez cursos sobre mediação em educação sexual? Como foi o curso, caso tenha feito?
O que achou do curso?

F. Dá aula de que disciplinas? Para que séries?

Anexo 2: TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Livia Maria Gulgielmin da Rosa, estudante do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina – FUP, sob orientação da Professora Dr^a Juliana Eugênia Caixeta, estou realizando uma pesquisa que visa identificar a percepção dos professores do ensino fundamental sobre a educação sexual no contexto escolar como contribuição para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

O interesse dessa pesquisa surgiu ao ministrar um minicurso sobre sexualidade, no qual pude identificar muitas dúvidas e curiosidades dos alunos com relação à temática sexualidade.

Sua participação é muito importante porque poderá proporcionar um entendimento de como vem ocorrendo a educação sexual no espaço escolar e com isso será possível trazer possíveis melhoras.

Sua participação é voluntária, sendo assim poderá desistir de participar da pesquisa em qualquer etapa, sem prejuízo algum. Os dados são sigilosos, e, em momento algum, o seu nome será divulgado.

Livia Maria Gulgielmin

Aluno de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Naturais

Email: liagulgielmin@hotmail.com

Juliana Eugênia Caixeta

Professora Doutora da Faculdade UnB Planaltina – FUP

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, _____, DECLARO que fui esclarecido(a) quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pelo pesquisador, e CONSINTO minha participação, estando ciente que a pesquisa tem fins de estudo, publicação em revistas científicas e/ou formação de professores.

Planaltina, ____ de _____ de 2016.

